

COMO FALAR INGLÊS “IGUAL A UM NATIVO”: ESTUDO NARRATIVO- DESCRITIVO DE PROFESSORES DE ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

GENA CAROL D GAUT PINTO ANTONY

Resumo – O projeto descreveu o discurso de ensino e aprendizagem de professores online da língua inglesa, observando os ambientes virtuais que estão inseridos e suas práticas pedagógicas. Com metodologia qualitativa e foi norteada pelo seguinte questionamento: como professores, que ofertam conteúdos de aprendizagem de Língua Inglesa, à brasileiros com pouco conhecimento no idioma citado, abordam o discurso da “fala nativa” em sua metodologia de ensino. Com o crescimento no ensino da língua, muitos professores apresentam um discurso que diz: ‘você irá aprender a falar inglês igual um nativo’. Ou ainda, diversas peças publicitárias que censuram o parco conhecimento das pessoas que “falam” o idioma bretão, dizendo que ‘um nativo não fala desse jeito’. Contudo, ao ouvir essa expressão, é possível definir o que e quem seria essas pessoas? Seria aquele cuja língua materna é o inglês? E como ficam os países que foram colonizados por nações anglófonas, também são falantes “nativos de inglês”? Com este trabalho conseguimos notar que o mito do ‘falante nativo’ para o ensino do inglês está presente em muitos contextos, entretanto, para os professores de inglês em formação inicial e continuada, este discurso pode parecer comum e óbvia, mas nem sempre está em sua prática docente.

Palavras– chaves: Língua Inglesa. Ensino e Aprendizagem. Formação de Professores

INTRODUÇÃO

Quando pensamos na evolução da história humana podemos levar em consideração dois aspectos muito importantes na formação do ser humano: o uso da linguagem e de sua capacidade comunicativa. A linguagem continua sendo o principal instrumento de expressão do ser humano. Ela “permite a emergência do espírito humano, necessário a todas as operações cognitivas e práticas, inerentes a toda organização social” (MORIN, 2012, p.38). Seu uso é essencial para as relações do dia a dia, em relações culturais, políticas e comerciais. No entanto, ainda conseguimos vivenciar dificuldades nas comunicações devido às diferenças linguísticas existentes no mundo e o desconhecimento do falar e escrever em outras línguas estrangeiras pode, muitas vezes, dificultar o acesso no mundo moderno.

São questões que, embora sejam debatidas por variados autores e diversas correntes da

Linguística Aplicada e Metodologia de Ensino de Língua Estrangeira (Amaral, 2020; El Kadri, 2010; Gonçalves, 2007; Jordão, 2014; Rajagopalan, 2004) sempre estão presentes, de forma apelativa e performática, em peças publicitárias, como também, de forma silenciosa e velada, na formação de professores de Língua Inglesa.

Jordão (2014) diz que falar em uma língua franca nos remete a “discussões sobre os usos, funções e contextos de aprendizagem do inglês no cenário internacional, levando em conta a necessidade de modificar as relações de poder entre os donos da língua inglesa (seus falantes “nativos”) e os seus usuários de vários países que não aqueles em que esta língua é usada como primeira língua”.

Gonçalves (2007) entende esta situação complexa de usos e maneiras de considerar o inglês, às vezes chamada de Torre de Babel, como um processo em fase de construção de entendimentos, em que diferentes visões se manifestam de acordo com as perspectivas de cada contexto. E hoje já não é mais possível atribuir uma única resposta sobre qual inglês, ou inglês de quem estamos utilizando e ensinando, pois “já se tornou mais ou menos um clichê nos dias de hoje, se referir ao inglês como uma língua mundial” (RAJAGOPALAN, 2004, p.111).

Bruner (2008. p. 89) defende que “a criança não está apenas a aprender o que dizer mas como, onde, para quem e sob que circunstâncias.” Reconhecendo ainda, que a negociação de sentido e atos de significado depende “não só de um signo e de um referente, mas também de um interpretante - uma representação do mundo em cujos termos e a relação do signo-referente é mediada.” E com isso, a questão social só viria posteriormente, pois a sociedade nada mais é do que um agrupamento voluntário de indivíduos autossuficientes, ou seja, um estilo de vida inteiramente dispensável.

PROBLEMA, QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO, OBJETIVOS

A pesquisa apresenta primordialmente duas principais contribuições para a área da Linguística Aplicada e formação de professores, a primeira para os professores formadores em suas reflexões, suas práticas pedagógicas e suas reflexões frente ao discurso cristalizado pela sociedade, entre eles, a importância de você aprender a “fala” da língua estrangeira “igual ao um nativo” e a importância do inglês no mundo globalizado e seus aumentos tecnológicos.

Margaret Paderson, professora de inglês traz um alerta para a necessidade de se considerar a cultura e a identidade dos falantes de cada lugar, sem marginalizar os falantes nativos. Fazendo questionamentos da inteligibilidade fazendo nos perguntar “o

que é o inteligível e quais seus contextos?”. No entanto, ela acredita que ‘uma inteligibilidade mútua com base no sotaque do nativo deveria ser enfatizada entre alunos e professores’. (EL KADRI, 2010).

Ao mesmo tempo, no caso da linguística, tudo se inicia com a definição de linguagem. E com o surgimento de várias teorias linguísticas, surgem diversas definições do conceito de linguagem. Para Saussure (1997), a linguagem vem a ser uma moeda, apresentando as duas faces interdependente: o lado social (língua) e o lado individual (fala). Para Chomsky, portanto, “a linguagem é uma capacidade inata e específica, isto é, transmitida geneticamente e própria da espécie humana”. (PETER, 2004, p.15).

Os objetivos da pesquisa foi analisar a narrativa descritiva no discurso do ‘falante nativo’ constante nas falas de professores da Língua Inglesa em suas práticas pedagógicas. E só assim podendo trazer os seguintes questionamentos: o que faz professores da língua inglesa terem o discurso “fale igual um nativo” em suas práticas pedagógicas? Possui diferenças da língua entre os próprios falantes do idioma? Quais as suas práticas pedagógicas para alcançar tais efeitos?

METODOLOGIA

A metodologia é qualitativa, pois para Minayo (2001) a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, onde podemos corresponder ao significado proposto neste projeto e o espaço que ela se encontra. E como coloca (DESLAURIERS, 1991, p. 58) o objetivo da pesquisa qualitativa é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, sendo capaz de produzir informações. A sua natureza exploratória, pois tem objetivo de esclarecer, desenvolver e modificar conceitos e ideias já pré-moldadas na sociedade.

Para a realização da pesquisa foi feita uma busca bibliográfica com leituras críticas e fichamentos das principais ideias dos autores e os pontos relevantes para a pesquisa aqui citada. Também foram separados para análise 21 vídeos com o maior número de visualizações de professores da língua inglesa postada na plataforma digital ‘Youtube’.

Para a separação dos vídeos, foram colocadas no setor de busca da plataforma as palavras “falantes nativos” e selecionados os vídeos mais assistidos e salvos em uma playlist própria para a pesquisa.

ANÁLISE DE DADOS

Os resultados encontrados na presente pesquisa foram conforme esperados desde o início desta pesquisa, muitos de 21 vídeos assistidos, 2 vídeos apresentaram um

discurso diferente sobre a 'fala nativa'. Ou seja, 10% dos vídeos mais acessados na plataforma pesquisada possuem um discurso mais condizente com o assunto tratado.

Pessoas em todo o mundo usam uma ou mais línguas e não questionam se elas existem ou não, como afirma Bakhtin (2004) "a língua só se vive na interação dialógica daqueles que a usam". Pennycook está entre os pesquisadores que promoveram discussões e reflexões ao questionar se de fato existiria algo chamado "língua" e se o inglês também seria, como outras línguas, uma invenção (PENNYCOOK, 2007b, p. 91, *apud* WALESKO, 2019, p. 72).

Em sua pesquisa, Walesko (2019, p. 73) afirma:

O conceito de língua e de língua inglesa permeia todo o processo de formação inicial e continuada de professores de inglês em qualquer contexto educacional. O que cada professor de Língua Inglesa, individualmente, compreende por língua e por língua inglesa impacta suas construções identitárias (de aprendiz da língua, de professor brasileiro do gênero X, etnia Y, classe social X ou Y etc.) e sua metodologia de ensino da língua.

Não mudamos a nossa essência, apenas aprendemos a nos comunicar onde passamos a morar, a viver, a ter a nossas experiências naquele local. A língua estrangeira, como L2, é assim. Existe a sua forma culta de aprender e que é necessário de aprender, mas também existem tantas outras formas de comunicação que acabamos não sabendo o que é o que, quem é nativo ou não, passa a ser irrelevante.

Como afirma Rajagopalan (2003, p. 51) "a comunicação é entendida como um esforço cooperativo entre indivíduos constituídos em termos autônomos, com regras pré-estabelecidas de comum acordo, em prol de interesses comuns.", tornando a comunicação um pilar principal e essencial para o desenvolvimento de uma língua.

CONCLUSÃO

Alguns têm o nativo como um modelo e guardião da verdadeira linguagem do ponto de vista linguístico; outros apontam para o nativo como um mecanismo das normatizações da língua. Schlemmer e Fagundes (2001 *apud* Wissman, 2005) defende que a construção de conhecimento "técnico-didático-pedagógico, administrativo, comunicacional/social (relativos a cursos on-line)" é fundamental.

Assim, é possível ter mais subsídios para compreender e avaliar o quanto esses sistemas podem realmente transformar a estrutura e os processos educacionais, influenciando e mudando as formas de pensamento, ação humana e interação social.

Walesko (2019, p.21) afirma que as crenças em mitos relacionados ao ensino e aprendizagem de língua inglesa têm influenciado a elaboração de currículos, a escrita de materiais didáticos e as práticas dos professores em sala de aula. As crenças fazem parte na formação da identidade dos indivíduos. A autora afirma ainda que “conhecer, discutir e questionar crenças gerais e crenças pessoais são ações importantes no processo de ensinar e aprender línguas e de tornar-se um indivíduo crítico e reflexivo.”

Com todo esse crescimento tecnológico, acabamos percebendo uma visão colonialista que questiona o conceito da língua nacional, fazendo ser perceptivo as variações de uma língua em uma mesma nação. E mesmo com todo esse crescimento da língua, sendo utilizada, principalmente, como interação entre falantes ‘não nativos’ de diferentes culturas que transformam a língua, sempre que podem, para atender às suas necessidades comunicativas.

Embora o inglês tenha se tornado uma língua franca, está longe de ser uma língua “sem donos”, ao menos nas crenças de muitos docentes, que continuam com a narrativa do falante nativo em suas práticas pedagógicas e na escolha de textos e atividades em sala de aula. Os professores de língua estrangeira “simplesmente insistem ou persistem em ensinar uma língua padrão nacional que sequer existe, ou que talvez tenha sido inventada e materializada em dicionários e livros didáticos, muitos deles mundialmente famosos e globalmente vendidos.” (WALESKO. 2019. p. 272).

E apesar de poucos estudos disponíveis sobre o assunto, a presença do ‘falante nativo’ se mantém viva em nossa sociedade quando universidades oferecem intercâmbios, bolsas de estudo para países com a ‘propaganda’ de que o aluno irá aprender o inglês mais rápido por conviver com falantes nativos da língua, quando alunos exigem, em escolas de idiomas, professores nativos e/ou que já moraram em países que têm como língua oficial, o inglês. Devemos levar em consideração as formas diferenciadas de se comunicar um mesmo idioma

REFERÊNCIAS

- AMARAL, L. **Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas, ideologias**. 1, ed. São Paulo: Parábola, 2020.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BRUNER, J. **Actos de Significado**. Portugal. Edições 70, 2008.

DESLAURIERS, J. P. **Recherche qualitative; guide pratique**. Québec: McGrawHill, 1991.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do presente**. In: Os Sete saberes necessários à Educação do Presente: por uma educação transformadora. Orgs.: Maria Cândida de Moraes e Maria da Conceição de Almeida-Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

RAJAGOPALAN, K. **The concept of 'World English' and its implication for ELT**. *ELT Journal*, v. 58/2, April, 2004, Oxford University Press.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica. Linguagem, identidade e a questão ética**. Parábola Editorial, São Paulo, 2003.

SEIDLHOFER, B. Closing a conceptual gap: the case for a description of english as a lingua franca. *International Journal of Applied Linguistics*, Oslo, v.11, n. 2, p. 133- 158, 2001.

WALESKO, A. M. H. **Formação Inicial e o Mito do “Falante Nativo”: Construções identitárias de professores de inglês em uma comunidade de prática**. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, 2019.

WISSMANN, L. D. M. **Propósitos Educacionais no meio On-line: do caso dos cursos de inglês gratuito**. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil, 2005.